

Coleção Aventuras Grandiosas

Mark Twain

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

3ª edição

 EDITORA
RIDEEL

INTRODUÇÃO

Quase todas as aventuras deste livro realmente aconteceram ou foram inspiradas em fatos reais. Talvez uma ou duas delas eu tenha inventado, mas a grande maioria foi vivida por meus amigos de infância e por outros colegas de escola. Posso dizer que Huck Finn e Tom Sawyer existiram de verdade, embora as características desses dois personagens sejam a mistura de três garotos que eu conheci há muito tempo.

As superstições que assombram este livro também assombravam as crianças e os escravos do Meio-Oeste e do Oeste dos Estados Unidos.

O principal objetivo desta obra é divertir meninos e meninas, mas isso não significa que possa ser desprezado pelos adultos. Penso que eles podem ter suas recordações despertadas, visitando, dessa forma, o que sentiam, falavam, pensavam e também as coisas estranhas que às vezes faziam no passado.



Capítulo 1

O CASTIGO

Thomas Sawyer vivia com sua tia Polly, seu meio-irmão Sid e sua prima Mary na cidade de São Petersburgo, numa casa simples, colada ao rio Mississippi. Embora não gostasse da escola, ele era um garoto muito esperto. Sua tia vivia beliscando-o em **REPRESÁLIA** às suas travessuras. Mas ele conseguia escapar das mãos dela, amolecendo seu coração de tia preocupada.

— Tom, onde está você?

Nada de o garoto responder.

— Tom? Tom Sawyer! É melhor você aparecer, garoto. Onde você está?

Silêncio.

Tia Polly já tinha **VASCULHADO** a casa inteira e nada do garoto. Ela sabia que ele estava aprontando alguma. Sempre desconfiava quando tudo estava muito quieto dentro de casa. Quando Polly abriu a porta da frente para verificar se Tom Sawyer estava por ali, sentiu a presença dele às suas costas e virou-se imediatamente:

— Finalmente você apareceu! Por onde é que você esta... Ei, o que é isso no seu bolso?

— Bolso? Ah é, claro, o bolso. Isso aqui não é nada não, tia Polly.

— Nada! Como nada? Isso aí é uma maçã roubada da minha cozinha! Quantas vezes vou ter que dizer que essas maçãs **NÃO** são para o seu bico? Que você deve esperar pelo almoço?

— Tia! Tia! Cuidado! Olha pra trás, rápido!

Quando a mulher se virou o garoto passou por ela e saiu correndo pela rua. O ar era mais solto lá fora e o sol brilhava, aquecendo-o. Ela o xingou. Mas ria por dentro. Na verdade admirava a **ASTÚCIA** de seu sobrinho. Característica, aliás, que aumentava sua preocupação com o futuro dele. Ele tinha que se formar, mas gostava de matar aula.

Na rua Tom caminhava tentando assobiar de um modo que sua língua encostasse no céu da boca e produzisse um som de passarinho. Andou por quase uma hora tentando e quando conseguiu sentiu uma alegria mais pura do que a alegria de um cientista ao descobrir um novo planeta. Agora podia ir assobiando pela rua, atraindo os passarinhos. Sua cantoria só foi interrompida quando avistou ao longe uma pessoa desconhecida. Era um garoto um pouco mais alto do que ele. Quando alguém novo chegava a São Petersburgo,

- 🐻 **REPRESÁLIA:** retaliação, vingança
- 🐻 **VASCULHADO:** procurado, investigado
- 🐻 **ASTÚCIA:** artimanha, sagacidade



a cidade entrava em **POLVOROSA**. Todos comentavam o acontecimento inédito. Mas Tom não gostou do que viu. O garoto era um almofadinha. Estava muito bem vestido com um casaco de veludo azul e gravata. Tudo isso numa sexta-feira. “Se ao menos fosse domingo de manhã, quando todos se arrumam para ir à missa”, pensou Tom. Por isso ficou com raiva do garoto e resolveu encará-lo. Sem desviar o olhar, os dois ficaram medindo forças, até que Tom falou:

— Tá olhando o quê?

— Não te interessa.

— Mais respeito comigo, babaca. Eu sou Tom Sawyer. Se quiser eu te arre-bento a pau.

— Uiuui.

Ao ouvir a provocação, Tom pulou em cima do garoto e os dois se **ENGALFINHARAM** na poeira da estrada. No meio da briga, Tom montou em seu oponente e começou a esmurrar seu rosto até ele gritar “Chegal!”.

— Isso é pra você aprender a me respeitar e não se meter comigo, seu almofadinha!

O garoto saiu correndo, atrás dele um rastro de poeira saindo do paletó. Tom voltou para casa. Como sabia que sua tia estava furiosa com ele, decidiu entrar pela janela. Quando colocou a cabeça dentro do quarto viu que tia Polly o esperava lá. Ao ver que o garoto estava sujo e **AMARROTADO**, tia Polly decidiu dar um castigo a Tom Sawyer. No dia seguinte, um sábado, ele teria que trabalhar.

Capítulo 2 OS PINTORES

No sábado, após o almoço, quando o sol era um convite personalizado a cada um dos garotos de São Petersburgo, que se preparavam para pescar no rio Mississippi, Tom caminhava pela rua, carregando um pesado balde de tinta e um pincel.

Seu castigo por fugir com uma maçã e matar aula era pintar uma longa cerca de madeira, um muro alto de sarrafos justapostos que demarcava um terreno da tia Polly. Tom chegou na esquina onde a cerca começava e se assustou: tinha três metros de altura e trinta metros de comprimento! Era tão grande que ia até a outra

-  **POLVOROSA**: agitação, rebulição
-  **ENGALFINHARAM**: agarraram
-  **AMARROTADO**: amassado, roto



esquina! Cinzenta e **ENCOSCORADA**, ela parecia um monstro dormindo. Tia Polly dizia que uma pintura nova dava vida às coisas e às paredes. Para Tom, aquela pintura nova era a morte de um sábado ensolarado, de banhos e pescas no rio Mississippi. Mas não podia desobedecer-lhe. Ela era boa para ele e merecia ter seu pedido atendido.

Desanimado, o garoto começou a dar suas pinceladas. Quando as primeiras gotas de suor lhe brotavam na face, Joe dobrou a esquina e veio na direção dele.

— O que você está fazendo, Tom?

Tom teve vontade de dizer “não vê que estou pintando essa cerca, imbecil!”, mas foi esperto, dominou a raiva e a transformou em algo melhor, com uma **ENTONAÇÃO** bem humorada:

— Estou pintando essa cerca! Olha só como a tinta preenche a madeira!

— Mas você não vai ao rio hoje? Todos os garotos combinaram de pescar e tomar banho. Vai ser legal.

— Olha, Joe, pra falar a verdade, eu posso ir ao rio todo dia. Estou até meio enjoado de pescar. Mas pintar é diferente... e não é todo dia que eu posso transformar uma cerca feia numa coisa bonita. Eu posso tomar banho no rio a hora que eu quiser, mas se quiser pintar uma cerca, sabe Deus quando terei outra chance.

O garoto olhou meio desconfiado, mas a propaganda de Tom Sawyer foi tão bem feita que ele sentiu necessidade de pintar. Estava pronto para ir ao rio, mas, depois dos **ARGUMENTOS** de Tom, tudo o que ele queria era dar umas pinceladas naquela cerca feia.

— Tom, será que você deixaria eu pintar um pouco?

Tom interrompeu sua atividade e olhou para o garoto:

— Sabe o que é, Joe. Eu gosto muito de pintar. E depois tenho medo de que você estrague meu trabalho. Acho que não vai dar — disse Tom voltando a trabalhar.

O garoto olhava a tinta cobrindo a madeira cinza e sua vontade aumentava. Por fim disse:

— Tom, se você me deixar pintar um pouco eu lhe dou um pedaço desta maçã.

Tom viu aquela maçã vermelha brilhando na mão de Joe e embaixo de sua língua começou a verter água. Mesmo assim, ele resistiu:

— Puxa, Joe, eu não posso, cara.

-  **ENCOSCORADA:** suja, encardida
-  **ENTONAÇÃO:** tom de voz
-  **ARGUMENTO:** raciocínio



— Certo. Vamos fazer o seguinte: me deixa pintar e eu te dou esta maçã inteirinha!

Tom passou o pincel para Joe, sentou na calçada e saboreou aquela maçã lentamente. Joe estava adorando manejar o pincel e dar uma nova cor àquela cerca. Logo, outros garotos apareceram e a princípio gozavam de Tom e Joe, mas rapidinho eram convencidos a trocar algum pertence por uns minutos de pintura. Antes do final da tarde Tom já havia acumulado um gato caolha, uma velha garrafa azul, três bolas, uma faca antiga e várias **IGUARIAS**. O melhor era ver os trinta metros da cerca branquinhos, brilhando no sol, enquanto Tom voltava para casa:

— Tia, já pintei tudo. Será que posso ir nadar no rio agora?

Polly fez uma cara de dúvida e foi até a rua. De sua calçada pôde ver a cerca resplandecendo ao sol. Sorrindo, ela falou para Tom:

— Claro que pode, lindo. Você trabalhou duro, merece se divertir!

Tom pegou uma maçã na cozinha e **ZARPOU** para o rio. Polly pensou: “Esse moleque não tem jeito, mas vale ouro”.

Capítulo 3

TOM DESCOBRE O AMOR

Numa certa manhã, Tom acordou tarde e se atrasou para a aula. Muito revoltada, tia Polly não permitiu que ele ficasse em casa dormindo. Mandou o garoto para a escola, mesmo que ele chegasse atrasado. Tom andou alguns quarteirões em direção ao rio e encontrou seu amigo Huckleberry Finn. Huck, como era chamado, não ia à escola nem ficava em casa, pois sua mãe já era falecida e seu pai costumava beber muito uísque e bater nele. Dessa forma Huck estava sempre na rua, com roupas sujas e velhas. Era um desses sujeitos odiados pelas mães de seus amigos. Tinha fama de arruaceiro, mas ele e Tom se davam muito bem.

Naquela manhã Tom estava se sentindo meio perdido na rua, depois de ter levado bronca de sua tia. Quando enxergou Huck seu rosto se iluminou:

— E aí, Huck? Como é que tá?

— Tô bem e você?

— Acordei tarde e até agora não fui para a aula.

— Sorte sua!

 **IGUARIA:** comida
 **ZARPOU:** partiu



— Huck, o que é isso que você está carregando?

— É um gato morto!

Tom riu da **EXCENTRICIDADE** do amigo e perguntou:

— Por que cargas d'água você está carregando um gato morto?

Huck fez um sinal pedindo para Tom falar mais baixo e disse como se contasse um segredo:

— Dizem que se você levar um gato morto para o cemitério à meia-noite, ele consegue tirar os mortos de seus túmulos...

— Nossa! Nunca ouvi falar disso. Será que é verdade?

— Não sei. Mas podemos descobrir hoje à noite. Você vai comigo? Não vai dizer que tem medo de fantasmas...

— Ora, Huck, até parece. É claro que eu vou, disse Tom bancando o machão, mas muito ansioso por dentro.

— Então passo na tua casa e bato na tua janela às onze horas, certo?

— Certo.

Animado com a programação para aquela noite, Tom foi à escola. Quando entrou em sua classe, o professor olhou para ele com fúria.

— Thomas Sawyer, o senhor está atrasado mais uma vez. Será que eu poderia saber o porquê dessa **DISPLICÊNCIA**?

Tom ia começar a falar mas, com o canto do olho, percebeu que havia uma garota nova na sala de aula. Virou um pouco o pescoço e teve certeza, ela era linda! Tinha olhos azuis e cabelos amarelos. Tom ficou olhando para ela e esqueceu a bronca do professor. Só pensava em sentar-se ao lado dela. Naquela época as garotas sentavam de um lado da sala e os garotos de outro. Um corredor separava os dois grupos. Em alguns segundos Tom tinha descoberto o amor e precisava sentar ao lado dele, saber seu nome, vê-la de perto. Mas como? O professor era tão bravo...

— Vamos lá, senhor Thomas Sawyer. Eu fiz uma pergunta. Quero saber por que o senhor chegou atrasado mais uma vez.

— Eu, eu fiquei conversando com meu amigo Huckleberry Finn. Por isso me atrasei.

Boa parte da turma riu da ousadia de Tom. Furioso, o professor pegou sua vara e bateu no traseiro de Tom várias vezes. Por fim mandou que Tom sentasse na metade feminina da sala, coisa vista como uma humilhação entre os meninos, que ficaram loucos de vontade de rir de Tom.

Ardido e dolorido, Tom estava feliz. Havia apenas um lugar desocupado na ala das garotas e era exatamente ao lado da nova colega. Algum tempo depois, quando a menina tirou os olhos do caderno e virou para o lado, viu



EXCENTRICIDADE: extravagância, esquisitice



DISPLICÊNCIA: falta de responsabilidade, descuido



uma bonita maçã sobre sua metade da mesa. Imediatamente ela empurrou a fruta para o lado de Tom. Mas, assim que teve uma chance, o garoto devolveu a maçã. Desta vez a menina não recusou o presente. Depois Tom começou a fazer desenhos e passá-los para sua colega. Primeiro desenhou uma casa. Ela gostou e pediu que ele desenhasse um homem. Ele atendeu seu pedido. Tom Sawyer tinha muita habilidade com o pincel.

Ela riu baixinho porque o homem era muito grande, maior que a casa. Em seguida pediu:

— Você consegue me desenhar?

Tom caprichou e desenhou a garota ao lado do homem. Com cuidado, para não ser pega pelo professor, ela disse:

— Puxa, você desenha muito bem. Eu não sei desenhar nada!

— Eu posso te ensinar depois da aula, se você quiser.

— Eu quero sim — ela disse com um sorriso.

— Qual seu nome?

— Becky. Becky Thatcher. O seu é Thomas, né? Eu ouvi o professor chamando-o...

— É... mas pode me chamar de Tom, meus amigos me chamam assim.

Mal terminou sua frase e Tom sentiu uma mão pesada em sua cabeça. Era o professor que o pegou pela orelha e o levou de volta ao seu lugar de origem, do lado dos meninos.

Capítulo 4 NO CEMITÉRIO

Conforme o combinado, Huck passou na casa de Tom às onze da noite e eles rumaram em direção ao Cemitério, numa colina a uns seis quilômetros da cidade. Chegando lá, os garotos colocaram o gato morto em cima de um túmulo e se esconderam atrás de algumas árvores, esperando para ver o que iria acontecer. Depois de algum tempo, o vento balançava as folhas das árvores, mas os cadáveres continuavam quietos, em suas sepulturas.

— Será que vai funcionar, Huck?

— Não sei. Talvez a gente devesse colocar o gato em cima do túmulo do senhor Hoss Williams. Ele morreu há pouco tempo, por isso eu acho que é mais fácil para ele voltar.

— Boa ideia. Vamos procurar o túmulo dele.

— Quietos, Tom!

— O que houve, Huck?

— Shhhhh. Silêncio. Estou vendo uma movimentação estranha lá nos fundos do cemitério.



Os dois rapazes se aproximaram dos vultos até ter certeza de que realmente havia alguma coisa lá.

— Eu acho que são os fantasmas, Tom.

Huck gaguejava.

— E são três! Estão vindo em nossa direção. Vamos embora, Tom.

— Calma, Huck, estamos bem protegidos aqui. Eles não podem nos ver aqui, atrás dessas árvores.

— Tom, você não sabe nada do mundo. Se os fantasmas conseguem atravessar paredes, por que você acha que eles não podem atravessar uma árvore?

— Então vamos fugir! Rápido!

— Calma, agora que eles estão mais perto eu acho que não são fantasmas, Tom.

— É mesmo, Huck! Eu conheço aquele ali. É Muff Potter. Os outros dois são Injun Joe e o doutor Robinson. O que eles estão fazendo aqui?

— Devem ser ladrões de túmulos, Tom! Não sei como uma pessoa pode arrombar um caixão atrás de anéis, pulseiras e dentes de ouro dos mortos. Ou então o doutor precisa de um cadáver. Depois ele corta o defunto e o estuda, meu pai falou que isso acontece bastante.

— Shhhhhh. Eles estão se aproximando.

Os três homens se aproximaram da sepultura de Hoss Williams. Injun e Muff começaram a cavar. Algum tempo depois a pá de Injun Joe atingiu a tampa do caixão. Com **PÉS-DE-CABRAS** eles abriram a tampa da caixa. Quando o doutor Robinson se aproximou para ver o conteúdo do caixão, Muff Potter disse:

— Doutor, se você quiser que a gente carregue o defunto até sua casa, são mais cinco dólares.

— Nada disso. Nós já tínhamos acertado o valor total essa manhã. Vocês têm que cumprir com sua palavra. Não vou dar nem um tostão a mais para vocês.

— Doutor, é melhor o senhor prestar bem atenção no que eu vou dizer — disse Injun Joe com uma voz **RÍSPIDA**. — Ou você passa a grana ou a gente te arrebenta. Sua vida vai ser um inferno daqui por diante.

Para enfatizar sua ameaça, Injun torceu o braço do doutor, que reagiu dando um soco no bandido. Injun caiu no chão. Ao vê-lo ali, Muff correu para acertar o doutor Robinson. Os dois trocaram socos em volta do caixão aberto de Hoss Williams e na frente de Tom Sawyer e Huckleberry Finn.



PÉ-DE-CABRA: ferramenta usada como alavanca



RÍSPIDA: rígida, dura





BOQUIABERTOS, os meninos viram Injun se levantar com a faca de Muff Potter em suas mãos. Enquanto os dois brigavam, Injun chegou pelas costas do doutor e o apunhalou, no pulmão esquerdo. Antes de receber a facada, Robinson tinha acertado um soco no nariz de Muff, golpe que nocauteou o ladrão. Com a facada, o doutor Robinson caiu, ao lado de Muff.

Com a violência da cena Tom e Huck decidiram se mandar dali, antes que Injun os descobrisse e tentasse matá-los. Por isso não viram quando o assassino aproveitou que Muff estava desacordado e colocou sua faca manchada de sangue nas mãos dele. Quando Muff acordou uns cinco minutos depois, ficou assustado com o corpo de Robinson caído no chão e com sua faca suja em sua mão.

— O que aconteceu, Injun? Por que Robinson está caído?

— Porque você o matou, Muff, com sua própria faca.

— Eu matei?

— Você tem que manear no uísque, Muff. Quantas vezes eu te avisei? Deu nisso. Agora o doutor está morto.

— O que eu vou fazer agora? Meu Deus, e agora?!

— Calma, Muff. Eu não vou contar para ninguém, mas é melhor a gente se separar por um tempo. Foge. Vai embora. Eu cuido de tudo.

Apavorado, Muff atravessou o cemitério correndo. Nunca tinha matado ninguém e sua mente estava muito confusa. Injun aproveitou a ausência do “amigo”, colocou a faca do crime ao lado do corpo de Robinson e foi embora do campo santo.

No dia seguinte os familiares deram falta de Robinson e a polícia o procurou por toda parte, mas foi um funcionário do cemitério que achou o morto. Quando os homens do xerife chegaram ao local do crime e examinaram a faca assassina, ela tinha o nome de Muff Potter gravado no cabo. Quando anoiteceu, Muff voltou ao cemitério na esperança de encontrar sua faca, mas o xerife havia previsto isso e o prendeu.

Por quatro semanas Muff ficou na pequena prisão de São Petersburgo, aguardando seu julgamento. Durante esse tempo Tom e Huck viveram dias de **TORMENTO**. Sabiam que Muff era inocente. Podia ser ladrão, mas não era assassino. Sabiam que ele seria enforcado injustamente, precisavam fazer alguma coisa. Mas tinham medo da vingança de Injun Joe. Se os meninos **DENUNCIASSEM** o verdadeiro assassino para a polícia, ele certamente ia tentar matá-los. Nesse **IMPASSE**, Tom e Huck viviam dias de angústia.

- ☛ **BOQUIABERTO**: estupefato, bobo
- ☛ **TORMENTO**: preocupação
- ☛ **DENUNCIASSEM**: acusassem, delatassem
- ☛ **IMPASSE**: problema, dilema

Capítulo 5

VIDA DE PIRATA

O medo de Injun Joe, as férias escolares e a paixão pelas histórias de piratas fizeram Tom Sawyer convencer Huckleberry Finn e um outro amigo deles, chamado Joe Harper, a deixar São Petesburgo e navegar pelo Mississipi em busca de um esconderijo e de novas aventuras.

— Huck, Joe, o que vocês me dizem? Querem ser piratas? Querem reinar sobre as águas do rio Mississipi? Querem ser ricos e famosos?

Huck olhou para Joe. Tinha vontade de rir da figura magrela de Tom Sawyer erguendo uma espada de pau. Mas como odiava a civilização e concordava com tudo aquilo que seu amigo falava, Huck não riu. Os olhos de Joe Harper brilhavam com o discurso de Tom Sawyer, que continuava a falar como um pirata dos livros que adorava ler:

— Eu, Tom Sawyer, o Vingador Negro do Mar das Antilhas, saúdo meus **COMPARSAS** de crime e aventura e peço que, quem estiver de acordo com o plano de dominar o grande rio, erga sua espada, diga seu nome verdadeiro e seu nome de pirata!

Joe catou um galho desfolhado do chão e **BRADOU**:

— Eu, Joe Harper, o Terror dos Mares, ergo minha espada e prometo dominar o rio com meus amigos!

Os dois olharam para Huckleberry, que quebrou um sarrafo de uma cerca ao lado deles e gritou:

— Eu, Huck Finn, o Mãos Sangrentas, me junto a esses dois malucos para qualquer coisa que eles queiram fazer!

As espadas de madeira e de imaginação se tocaram no ar, acima da cabeça dos meninos, formando uma pirâmide cuja base era a amizade e o topo, a diversão.

A aventura e a necessidade de se proteger eram o grande combustível dos três contra a possível ameaça de Injun, a dificuldade da escola e a repressão dos pais. Para Tom seria a chance de parar de andar se cuidando pela rua e de se livrar dos pesadelos e das sombras de Injun que à noite perturbavam o seu sono. Para Huck era a liberdade dos maus-tratos que seu pai lhe causava e a grande oportunidade de ter amigos, já que muita gente ou não gostava dele ou o temia em São Petesburgo. Para Joe Harper, aquela aventura era a chance de ter férias históricas.

À meia-noite, no horário favorito dos piratas, Tom, Huck e Joe partiram em uma velha jangada que mantinham escondida, rio acima, no mato a cerca

 **COMPARSA:** companheiro, parceiro
 **BRADOU:** exclamou, gritou



de dois quilômetros da cidade. O início da viagem foi muito silencioso, pois os garotos não queriam ser vistos. Navegavam pelo leito do rio para que, das margens, ninguém pudesse vê-los. Assim que passaram paralelo ao porto e ao centro de São Petesburgo, os garotos comemoraram com assobios e abraços. A noite que estava nublada aos poucos foi se abrindo e um imenso céu azul escuro e crivado de estrelas apareceu. Os três deitaram no casco da jangada e ficaram vendo o universo se mover.

Essa tranquilidade durou até Joe perguntar:

— Para onde vamos?

Huck sentou-se e disse, apontando:

— Para ali! Para a chamada ilha de Jackson.

— Todo pirata tem uma ilha que serve de base, onde se esconde em tempos difíceis e onde enterra seus tesouros — disse Tom.

Huck havia planejado tudo com antecedência, tendo inclusive preparado mantimentos, anzóis e varas de pesca, para que os piratas pudessem sobreviver longe da cidade. Gostava da aventura e da brincadeira. Os sonhos e as palavras de Tom mexiam com seu lado infantil que fora tão machucado pelas dificuldades de sua infância. Mas seu lado adulto era mais desenvolvido do que o de Tom e o de Joe, por isso se preocupava mais com questões como a sobrevivência.

Capítulo 6 REFÚGIO

A ilha era totalmente desabitada e ficava a uns quatro quilômetros da cidade. Temendo uma reação negativa, os garotos decidiram não contar nada para ninguém e partiram naquela mesma noite num pequeno barco, rio abaixo, rumo à ilha. Levavam um pouco de pão e carne; Huck levava um cachimbo.

Chegando à ilha os garotos fizeram uma fogueira, embaixo de uma grande árvore. Contaram histórias e riram enquanto a carne assava. Depois comeram o melhor jantar de suas vidas e dormiram com alegria. Na manhã seguinte, bem cedo, já estavam pescando e nadando. Pescaram seis peixes e os devoraram no café da manhã.

— Isso é que é café da manhã! — gritou Joe Harper.

— Ninguém precisa se lavar, ir pra escola ou arrumar a cama. Isso que é vida — concordou Tom.

Aquela ilha era um refúgio para Tom e Huck. Lá eles se sentiam seguros e Injun não metia medo em Tom porque na ilha eles eram livres. Nesse clima de alegria eles passaram o resto do dia: pescando e nadando. Tentaram também



matar algumas aves com pedras mas não conseguiram. No final da tarde, estavam pescando para o jantar quando viram mais de dez barcos rio acima. Curioso, Tom perguntou:

— Por que tantos barcos juntos? É alguma procissão?

— Não — disse Huck, muito sério.

— Huck, o que você acha que eles estão fazendo? — perguntou Joe Harper.

— Estão procurando algum afogado ou **NÁUFRAGO**. Eles fizeram o mesmo quando Bill Turner caiu bêbado no rio e se afogou.

— Mas quem será que morreu? — quis saber Joe.

Nenhum deles respondeu. Ficaram olhando os botes ao longe. Até que Tom gritou:

— Caramba. Já sei quem morreu. Foi a gente! Nós estamos mortos. Pelo menos é o que eles acham. Eles estão procurando pela gente!

— Ahahahahahahah — todos riram juntos.

— Amigos, somos famosos — disse Tom sem controlar sua felicidade. — Estão todos procurando por nós. Estão tristes. Acho que até meu professor deve estar chorando. Não é maravilhoso?

Naquela noite o jantar foi muito animado e os sonhos dos garotos, muito tumultuados. Quando amanheceu Joe e Huck deram pela falta de Tom e do barco. Enquanto o procuravam pela praia, viram Tom chegar. Huck estava preocupado e perguntou:

— Onde você se meteu, Tom?

— Eu fui até minha casa ontem à noite. Fiquem calmos, ninguém me viu. Eu fiquei escutando as conversas das nossas mães por detrás da janela. Sua mãe estava lá também, Joe. Elas não paravam de chorar.

— Você é maluco, Tom. Podia ter nos avisado...

— Vocês estavam dormindo e eu não quis acordá-los. Mas escutem o melhor: domingo vai haver uma cerimônia fúnebre para nós na igreja. Será como um enterro simbólico, já que não acharam nossos corpos.

Joe e Huck riram muito ao saber disso e riram mais ao ouvir o plano de Tom.

Depois continuaram suas férias como se nada tivesse acontecido. Procuraram ovos de tartaruga na areia, espetando varetas pela praia. Quando sentiam algo mais duro era só cavar a areia fofa com as mãos. Conseguiram quase sessenta ovos assim. Também jogavam bolinha de gude e brincavam de saltar dos barrancos até o rio. No rio pescavam e nadavam. Quando cansavam ficavam deitados na areia se secando. Numa dessas pausas Tom ficou sozinho e escreveu o nome de Becky na areia. Tinha saudade. Com medo de que seus amigos vissem que ele estava apaixonado, apagou seu nome.

 **NÁUFRAGO:** quem naufraga



Depois do jantar Huck acendeu seu cachimbo e começou a fumar. Joe e Tom pediram para fumar também. Então Huck fabricou dois cachimbos para eles e os ensinou a tragar a fumaça. Mesmo sentindo um gosto amargo e uma vontade de vomitar, Tom disse que gostou do cachimbo e Joe disse que iria fumar a vida inteira, mas depois de algumas bafornadas eles começaram a tossir e foram ficando muito quietos. Tom e Joe sentiram muita **NÁUSEA** e decidiram caminhar para ver se passava. Uma hora depois, como não voltavam, Huck foi atrás deles e os achou dormindo no mato. Havia vômito por perto. Aquela foi a primeira e última vez que os garotos fumaram cachimbo.

Capítulo 7 O FUNERAL

No domingo do funeral de Joe Harper, Huckleberry Finn e Thomas Sawyer, ninguém estava feliz em São Petersburgo. Até as flores pareciam não ter a mesma cor. Na casa dos Harper todos estavam quietos e pensativos. Tia Polly tinha o rosto molhado. Becky Thatcher olhava para o desenho que Tom fizera para ela na escola e ficava muito triste. Até o moleque que Tom havia surrado estava triste. Por isso a cidadezinha inteira foi para a igreja dizer adeus aos garotos e encontrar algum **CONFORTO** na palavra do Senhor.

Durante o culto, o pastor falou sobre as belezas da juventude e de como os garotos desaparecidos eram alegres. Aos poucos a plateia foi se comovendo. Primeiro mães, amigos e familiares começaram a chorar. Depois foi a vez dos curiosos e dos homens não conterem suas lágrimas. Por fim até o pastor deixava lágrimas **PERCORREREM** sua face. Nessa hora houve um ruído na porta da igreja, mas a população estava muito concentrada para perceber que os três meninos entravam na casa do Senhor, caminhando em direção ao altar.

Todos se voltaram para eles e por um instante fez-se um silêncio profundo dentro da igreja. Só se ouviam os passos secos de Tom, Joe e Huck caminhando no chão de madeira do templo. Até que seus parentes correram para abraçá-los e as demais pessoas começaram a comentar e aplaudir o ocorrido. Ninguém foi abraçar Huck, já que ele não ia à escola e não tinha muitos amigos. Além disso, seu pai estava muito bêbado para ir à missa. Então Huck resolveu ir

-  **NÁUSEA:** enjoo, vontade de vomitar
-  **CONFORTO:** no sentido de consolo, força
-  **PERCORREREM:** passarem, deslizarem



embora, em meio àquela gritaria e choradeira. Mas Tom o segurou e pediu que Polly saudasse Huck. Ela assim o fez, pois estava tão feliz que mesmo a presença de uma má influência como Huck deveria ser comemorada. Huck se sentiu ainda mais incomodado com isso, mas não tinha como protestar. E o pastor gritava:

— Viva ao Senhor Jesus Cristo! Obrigado, meu Senhor! Deus seja **LOUVADO!**

Becky também foi abraçar Tom. O rapaz sorriu. Seu plano estava completo. Agora eram famosos e queridos por toda a cidade, inclusive Becky.

Capítulo 8

O JULGAMENTO DE MUFF POTTER

Após a **EFERVESCÊNCIA** dos acontecimentos daquela manhã de domingo, Tom, Huck e Joe começaram a ser cumprimentados por toda a população da pequena São Petersburgo. Uma coisa, porém, continuava a incomodar Tom e Huck: o julgamento de Muff Potter.

— O que vamos fazer, Huck? Se Muff morrer, nós também seremos assassinos.

— As pessoas já acreditam que Muff matou o doutor, mesmo antes do julgamento. Acho que não há nada que a gente possa fazer.

— Há sim, Huck. Você prefere ser assassino e continuar vivo ou salvar a vida de um homem?

— Se salvarmos a vida dele, perderemos a nossa. Injun nos mata.

— Eu prefiro morrer em paz do que viver com culpa — disse Tom com uma voz bem séria.

— Faça como quiser, mas não me meta em suas confusões.

Tom estava disposto a ajudar Muff, porque tinha ido visitá-lo na cadeia. Tinha visto como ele estava **ATIRADO**, deprimido e sujo. Enquanto Injun estava livre pela cidade. Tom não poderia carregar a morte de Muff nos ombros. Tinha que fazer alguma coisa.

Na manhã do julgamento de Muff toda a cidade lotou o salão do tribunal. O promotor era um senhor velhote, de barba e cabelos brancos e uma capacidade inesgotável de perguntar.

— Senhor Potter, o senhor estava no cemitério municipal na noite do crime?

— Sim.



LOUVADO: glorificado, exaltado



EFERVESCÊNCIA: agitação, exaltação



ATIRADO: displicente ao se vestir e cuidar da higiene pessoal



— Senhor Potter, pode nos contar o que o senhor foi fazer lá?

— Fui cavar um túmulo.

— Cavar um túmulo? Que interessante! O senhor por acaso é **ARQUEÓLOGO**?

— Arque... o quê?

— Senhor Potter, por qual motivo o senhor estava violando a sepultura do **HONORÁVEL** Hoss Williams, que Deus o tenha?

— O doutor Robinson contratou a mim e a Injun Joe para roubar o corpo de Hoss. O doutor precisava estudar o cadáver.

Ouviu-se um “Oh!” generalizado na plateia. A situação estava ficando cada vez mais complicada para Muff. A cada pergunta sua situação piorava.

— Senhor Potter, esta faca pertence ao senhor?

— Sim, eu...

— Responda apenas sim ou não.

— Sim. Pertence.

— Como o senhor explica que sua faca suja com o sangue da vítima tenha aparecido ao lado da vítima?

— Eu... eu esqueci a faca lá.

— Você matou Hoss Williams e fugiu. Durante sua fuga esqueceu ou deixou cair a arma do crime, voltando na noite posterior ao crime para buscá-la, certo?

— Eu não matei o Hoss. Injun Joe deve ter apunhalado o doutor enquanto eu estava inconsciente.

Injun negou seu envolvimento no crime e o julgamento se encaminhava para a condenação de Muff quando o juiz mandou chamar Thomas Sawyer, que havia se apresentado como testemunha **OCULAR** do assassinato. A população ficou muito curiosa, querendo saber o que Tom Sawyer havia presenciado. O promotor o interrogou:

— Thomas Sawyer, onde o senhor estava dia 17 de junho à meia-noite?

— No cemitério municipal.

— Por quê?

— Fui até lá para ver fantasmas, o senhor sabe, com um... um gato morto.

A cidade inteira caiu na risada e o promotor ficou furioso.

— Thomas, em que parte do cemitério você estava?

— Atrás de algumas árvores, perto do túmulo de Hoss Williams.

 **ARQUEÓLOGO:** especialista que estuda antiguidades, especialmente civilizações pré-históricas

 **HONORÁVEL:** digno de respeito e consideração

 **OCULAR:** que presenciou



Injun Joe, que até então estava tranquilo, começou a suar e tinha que enxugar sua testa constantemente.

— E o que você viu no cemitério, filho?

Tom contou sua história e todos ouviram quietos ele dizer como o doutor Robinson acertou Muff Potter, que caiu inconsciente, enquanto Injun Joe apunhalava o médico pelas costas com o punhal de Muff. Sabendo da verdade, as pessoas começaram a conversar e comentar sobre tudo o que Tom havia dito. O juiz começou a pedir ordem. No meio da confusão, Injun saiu correndo, pulou a janela e **ENVEREDOU** por um bosque que havia ao lado do tribunal.

Muff foi julgado inocente pelo assassinato de Robinson e a cidade mais uma vez reverenciou Tom Sawyer por sua coragem e sinceridade. Contudo, o garoto viveu dias intranquilos, sabendo que Injun estava à solta e certamente **SEDENTO** por vingança.

Capítulo 9

EM BUSCA DE UM TESOIRO

Durante a infância a maioria dos meninos tem um desejo incontrolável de encontrar um tesouro. Tom não escapou dessa **SINA**. Assim que foi mordido por essa ideia o jovem procurou por Joe Harper, mas não o encontrou. Em seguida foi à casa de Ben Rogers, mas este tinha ido pescar. Estava desanimado, voltando para casa quando encontrou Huckleberry Finn. Huck aceitou na hora a ideia de procurar um tesouro.

— Onde vamos achar um tesouro, Tom?

— Em qualquer lugar.

— Ah, sim. Vai dizer agora que em todo lugar tem um tesouro escondido?

— Não, não é isso. Existem alguns lugares mais evidentes.

— Por exemplo?

— Pequenas ilhas, embaixo da raiz de velhas árvores onde bate a sombra dela à meia-noite e, principalmente, no **ASSOALHO** de casas **MAL-ASSOMBRADAS**.

— E quem esconde os tesouros?

— Ora quem, Huck. Você se faz de burro! Os ladrões escondem o tesouro por motivos diversos, como fugir da polícia sem ter que carregar o peso de um baú

-  **ENVEREDOU:** rumou, encaminhou
-  **SEDENTO:** desejoso
-  **SINA:** destino, fortuna
-  **ASSOALHO:** chão de uma casa
-  **MAL-ASSOMBRADA:** onde aparecem fantasmas



cheio de ouro. Ou, quem sabe, para não repartir o roubo com os outros ladrões, voltando ao esconderijo depois para pegar toda a grana.

— E por que essas casas são mal-assombradas?

— Porque muitas vezes os ladrões matam a pessoa que enterrou o tesouro (pode ser até um escravo) e a alma dele fica cuidando do local.

— Tom, pelo que eu saiba a gente precisa de um mapa se quiser achar um tesouro. Você tem um mapa?

— Não. Mas tenho certeza de que existem vários tesouros na nossa região. Muitos ladrões e piratas navegavam por este rio Mississippi. Eles com certeza deixaram algo escondido aqui em São Petersburgo. É só procurarmos em todos os pontos suspeitos.

— Em todas as árvores velhas, ilhas e casas abandonadas da região?

— Isso mesmo.

— Mas assim vamos levar o verão inteiro, cara!

— Huck, qual é o seu problema? Achei que quisesse se divertir. Além disso, podemos ficar ricos, meu. Ricos!

— É verdade. Estou nessa.

Os olhos de Huck brilhavam. Seria um verão de aventuras, trabalho e esperança. No mesmo dia conseguiram uma picareta velha e uma pá enferrujada e caminharam cinco quilômetros até uma grande árvore seca que havia na estrada para Still House. Conversavam enquanto cavavam.

— Se a gente achar o dinheiro, o que você vai fazer com ele, Huck?

— Ah, eu vou comer bolo de chocolate com soda todo dia. E irei a todos os circos que aparecerem na região, sem precisar entrar por baixo da lona.

— E você, Tom, o que vai fazer?

— Vou comprar um tambor novo, uma gravata, um cachorro e uma espada de verdade. Depois vou me casar.

— Casar?! Ahahahahaha. Você está doente? Acho que o sol fez mal para você. Essa é boa.

— Você vai ver, Huck. Pode esperar. Quando ficar rico eu caso.

— Tudo bem. Só queria dizer que isso é uma loucura. Eu me lembro muito bem do meu pai e da minha mãe. Quando ela era viva eles viviam brigando. Pense bem antes de entrar num barco furado como o casamento.

— Eu entendo sua preocupação, Huck, mas as pessoas são diferentes e a menina de quem eu gosto não é de briga.

— Será que eu posso saber quem é ela?

— Olha, um dia eu te conto. Por enquanto quero que isso seja uma coisa só minha, tá legal?

— Certo. Que tal se a gente conversar menos e cavar mais, hein?

— De acordo.



Assim Tom e Huck cavaram todo o solo em volta daquela grande árvore seca, mas não encontraram nada além de terra e raízes. No fim do dia estavam suados, cansados e famintos. Por fim Huck disse:

— É claro que não vamos achar nada. Tínhamos que primeiro ver a sombra da árvore à meia-noite, para depois começar a cavar em cima.

— É mesmo. Na pressa de ficar rico, a gente esqueceu esse detalhe.

Desse modo os garotos voltaram lá no horário marcado, pegaram as ferramentas que haviam escondido em alguns arbustos e começaram a cavar com animação. Em minutos a cova ia ganhando tamanho, profundidade e os jovens corações deles pulavam cada vez mais rápido. Huck quase infartava a cada vez que a pá batia em algo mais duro, mas eram sempre pedras dando alarme falso.

Quando a picareta bateu numa pedra pela sétima vez, Tom não aguentou:

— Vamos embora desse local maldito. Estou com medo. Parece que os mortos estão me vigiando. Não consigo cavar em paz.

— Eu também não, Tom. Toda hora que me viro, parece que tem um escravo atrás de mim querendo me matar. Estou cansado. Vamos embora. Vamos deixar essa árvore e procurar em outro lugar.

— Boa ideia. Mas onde?

— Não sei, pense você. Aliás, Tom, tudo isso foi ideia sua.

— Já sei. Vamos à casa mal-assombrada.

— Nem morto. Eu estou morrendo de medo e você vem com essa? Imagina...

— Vamos para casa dormir e amanhã, durante o dia, a gente vai na casa mal--assombrada. As bruxas dormem de dia, lembra, Huck?

— Lembro, mas mesmo assim acho **ARRISCADO**.

Capítulo 10

NA CASA MAL-ASSOMBRADA

No dia seguinte os garotos seguiram para Colina Cardiff, onde ficava uma casa abandonada há muito tempo. Com mais ambição do que medo os meninos entraram na casa e **VASCULHARAM** seus quartos, banheiros e cozinha. Não havia nada aproveitável. Nem tesouro nem espíritos. Então os meninos removeram algumas tábuas do assoalho para ver se havia sinal de tesouro, mas não acharam nada. Já estavam desanimados, examinando o piso do segundo andar do sobrado, quando ouviram vozes:



ARRISCADO: ousado, perigoso



VASCULHARAM: esquadrinharam, pesquisaram minuciosamente



— Escutou isso, Huck?

— Eu, eu... escutei.

— O que é isso?

— Shhhhh. Eu acho que são os fantasmas.

O barulho vinha do andar de baixo. Pelas frestas no chão os garotos conseguiram ver quem os produzia.

— Não são fantasmas, Huck. Aquele ali é o velho espanhol que se mudou há pouco para a cidade. O outro eu não consigo ver bem daqui.

O espanhol usava um chapéu verde e tinha cabelos brancos. Carregava um grande saco, que colocou em cima da mesa, dizendo “Que calor!”. Em seguida os garotos viram o espanhol tirar seu chapéu e seu cabelo branco (na verdade uma peruca). Um **CALAFRIO** percorreu a coluna de Tom. O espanhol era Injun Joe disfarçado. O medo dos garotos aumentou quando o outro homem disse:

— Está muito quente mesmo. Mas não podemos reclamar. Ganhamos 650 dólares em moedas de prata no último roubo. Vou pegar 50 e deixar os outros 600 escondidos aqui. É muito peso para carregar por aí. Além disso, pode ser útil no futuro. O que você acha, Injun?

— Boa ideia. Vou esconder a grana embaixo do piso da lareira.

Injun pegou uma faca e removeu dois tijolos da lareira. No andar de cima Tom e Huck tinham corações acelerados e olhos grandes, acompanhando todo o movimento dos ladrões. De repente Injun disse:

— Ei, o que é isso! Achei alguma coisa aqui. Minha nossa... é uma caixa antiga, me ajude a tirá-la deste lugar.

Os dois homens ergueram a caixa e a levaram para fora da lareira. Injun a abriu com a faca.

— Estamos ricos, meu camarada. Ricos! Tem milhares de dólares aqui! Isso é uma maravilha! Bem que eu sabia que a quadrilha do Murrel se escondeu aqui anos atrás. O filho da mãe deve ter enterrado este ouro aqui. Pra nossa sorte ele morreu antes de voltar para buscá-lo. Agora o ouro é nosso!

Os dois se abraçaram e decidiram levar a caixa com eles. Era muito dinheiro para deixar numa casa abandonada. Por isso os bandidos esperaram anoitecer e decidiram enterrar o dinheiro “no esconderijo número dois, embaixo da cruz”, onde ninguém o acharia. Tom e Huck ficaram calados e escondidos no segundo andar, até que os bandidos fossem embora. Por medo de Injun eles resolveram não seguir os dois. Mas quebraram a cabeça tentando **DECIFRAR** que cruz seria aquela na qual os bandidos iriam esconder o tesouro.

- 🔍 **CALAFRIO**: arrepio causado pelo medo
- 🔍 **DECIFRAR**: decodificar, traduzir



— Isso não fica assim — disse Huck. — Aquele tesouro é nosso. Eles encontraram por acaso. Nós é que estávamos procurando por ele.

— Temos que achar uma forma de recuperá-lo — retrucou Tom, enquanto voltavam para casa com as mãos vazias.

Capítulo 11

PIQUENIQUE NA CAVERNA

Nos dias seguintes Tom e Huck se dividiram entre localizar o espanhol, segui-lo e tentar descobrir onde estaria a tal cruz. Ao mesmo tempo Tom tinha cada vez mais medo de uma possível vingança de Injun e andava se cuidando pela rua.

A situação só ficou um pouco mais tranquila para Tom quando Becky o convidou para o seu aniversário.

— Vai ser maravilhoso — ela disse —, nós vamos descer o rio e fazer um piquenique na praia perto da caverna McDougal. Depois do lanche vamos explorar a caverna!

A ideia era perfeita. Um grande barco levou toda a turma para o local combinado e durante toda a manhã os jovens nadaram, correram, pescaram, conversaram e comeram. Havia alguns adolescentes do último ano da escola, mas nenhum adulto junto com eles. Longe dos pais a garotada se sentia acesa, pronta para enfrentar a escuridão da caverna.

Após o divertido almoço com os sanduíches que trouxeram de casa, o grupo entrou na trilha em direção à entrada da caverna McDougal. Estavam munidos de muitas velas, mas, quando chegaram à abertura, a escuridão lá de dentro fez com que ficassem em silêncio. Tentavam decidir quem entraria primeiro e resolveram entrar juntos. O calor e a vivacidade do dia eram a cada passo substituídos pela temperatura amena da caverna; aos poucos, os olhos iam se acostumando ao escuro. Com as velas em punho o grupo começou a percorrer as cavidades do lugar. Lentamente foram se soltando, fazendo brincadeiras e deixaram de temer a caverna.

Aquele lugar era fascinante e quase interminável. Durante horas Becky, Tom e seus amigos se divertiram muito. Uns brincavam de esconde-esconde, de correr e de escalar as paredes. Outros gritavam para escutar o próprio eco e todos exploravam as inúmeras cavidades, túneis e passagens do local. Ninguém na cidade ou fora dela conhecia toda a caverna. Mas a área nas proximidades da entrada era bem conhecida.

Quando, ao cair da tarde, o grupo voltou para São Petersburgo, Tom e Becky não estavam com eles. Os dois se perderam na caverna quando entraram numa cavidade sozinhos e a luz das velas despertou um bando de



morcegos. Para não serem atacados os dois correram muito, entrando em algumas bifurcações e se distanciando do grupo principal. **EUFÓRICOS** pelo sucesso da fuga, os dois se abraçaram. Mas não tiveram muito tempo para comemorar. Não podiam voltar para onde estavam os outros por dois motivos: tinham medo de enfrentar os morcegos novamente e, mesmo que voltassem, não saberiam qual seria o caminho certo. Estavam perdidos.

Na cidade os pais e amigos estavam **DESOLADOS**. A mãe de Becky chorava ao pensar na filha isolada no escuro de uma caverna, **À MERCÊ** de perigos.

Na caverna os dois percorreram alguns túneis, sempre gritando e chamando pelos outros. Tom marcava as paredes com cera de vela, caso estivesse passando pelo mesmo local mais de uma vez. Com o tempo as velas deles foram se esgotando e os dois ficaram no escuro. Tom escolheu um local limpo, sem a presença de insetos. Os dois sentaram encostados na parede. Becky chorava. Depois eles rezaram pedindo proteção aos céus e dormiram esgotados. Quando acordaram estavam famintos e, com a falta de luz solar, o casal perdeu a referência temporal: já não sabiam se havia amanhecido ou se ainda era noite.

— Você acha que a gente vai morrer aqui, Tom?

— Claro que não, Becky! Eles devem estar nos procurando. Tudo que temos que fazer é manter a calma e seguir chamando por eles.

Embora passasse otimismo para Becky, Tom sabia que o resgate era difícil. Como estavam no escuro, Tom não sabia se deveriam caminhar **A ESMO**, usando as paredes como escoras ou se esperavam sentados. Para não sentirem fome tentavam dormir. Num desses sonos Tom sonhou que morreriam lá, se não tentassem escapar. Quando acordou teve uma ideia: pegou um cordão que levava no bolso e amarrou uma ponta em Becky. Assim poderia se locomover pela caverna e voltar para onde Becky estava. Além disso, eles teriam dois pontos para gritar por ajuda.

Assim, Tom se arrastou por uma pequena passagem e, quando chegou ao outro lado, começou a andar se escorando nas paredes da caverna até que escutou o barulho de um rio subterrâneo.

— Um rio! Água! Becky, achei um rio!

Tom voltou até Becky para contar a novidade. Pelo menos de sede não morreriam. A descoberta do rio os animou e impulsionou Tom a fazer várias explorações com seu cordão. Numa dessas expedições Tom viu uma luz de

-  **EUFÓRICO**: extasiado, em ótimo bem-estar
-  **DESOLADO**: triste, inconsolável
-  **À MERCÊ**: na dependência de
-  **A ESMO**: à toa, sem rumo



lâmpião ao longe. A luz se aproximou e Tom gritou por socorro. Mas no segundo seguinte se arrependeu. O homem que carregava a luz era Injun Joe, o assassino do doutor Robinson.

Por sorte, Injun era muito **SUPERSTICIOSO** e saiu correndo ao ouvir o pedido de socorro. Tom ficou aliviado e voltou para o rio, onde estava Becky. Decidiu não contar nada a ela sobre a presença do bandido na caverna. Ela não precisava de mais essa preocupação. Para esquecer que estava preso no mesmo local em que seu inimigo se escondia, Tom continuou sua busca por outros túneis e passagens.

Ao mesmo tempo, várias pessoas de São Petersburgo estavam embrenhadas na caverna em busca do jovem casal. Tom se tornara muito querido e conhecido na cidade depois dos episódios do seu “funeral” e de seu depoimento no tribunal. Todos queriam salvar Tom e a bela Becky. Porém ninguém conseguiu achá-los. Tom teve que seguir seus instintos e, com muita força de vontade, atravessou por uma passagem estreita, entrou numa cavidade e seu cordão esticou até o fim. Mesmo assim ele resolveu continuar, pois já não aguentava mais procurar em vão. Foi adiante, mesmo correndo o risco de se perder de Becky, que estava muito fraca e não podia acompanhá-lo. Sua iniciativa deu certo. Tom viu uma luminosidade vinda da rua. Era uma outra entrada da caverna, bem menor do que aquela pela qual a turma havia entrado e que ficava a oito quilômetros dali. Estavam salvos. Tom voltou para buscar Becky e uma hora depois estavam sujos e felizes, abraçando-se sob o sol. Depois ouviram o barulho do Mississipi e caminharam até sua margem; não demorou para um barco passar e dar carona para eles.

Capítulo 12 O TESOURO

Tom ficou dois dias de cama após a aventura na caverna. Tia Polly não cabia em si de felicidade por ter o garoto novamente em casa e resolveu mimá-lo o tempo todo.

Durante a ausência de Tom, Huck passou uma noite inteira na chuva, tentando vigiar um armazém onde pensava que Injun Joe pudesse ter escondido o dinheiro. Como resultado pegou uma violenta gripe e teve que ficar de cama também. Por isso os dois amigos ficaram mais de uma semana sem se encontrar, embora Tom quisesse muito falar para Huck tudo sobre a caverna e



SUPERSTICIOSO: que acredita em fatos acidentais



Injun Joe. Nesse meio-tempo, a mãe de Becky perguntou se ele teria coragem de voltar para a caverna outra vez. Tom respondeu:

— Claro. Eu não tenho medo daquele lugar. Na verdade até me acostumei com ele.

— Você é realmente especial, Tom. Mas agora ninguém mais pode entrar lá. O prefeito mandou **LACRAR** a entrada da caverna com madeira pesada e grades de ferro.

— Mas ele não podia ter feito isso. Injun Joe pode estar lá dentro.

— Injun Joe? Como assim?

Tom contou que havia visto o assassino na caverna e instantes depois vários segmentos da sociedade de São Petersburgo se dirigiram para a caverna a fim de prender o criminoso. Contudo, quando a entrada foi reaberta, Injun e seu amigo estavam mortos, caídos do lado de dentro da entrada. Injun estava com os olhos abertos, fixos numa fresta por onde entrava a luz do dia. Na sua mão havia uma navalha quebrada, certamente partida na tentativa de abrir caminho no **TAPUME** feito pela prefeitura.

Ao saber disso Tom sentiu um certo alívio. No dia seguinte, durante o enterro de Injun, Tom pôde falar novamente com Huck. Os dois programaram uma ida até a caverna.

— Huck, eu tenho certeza de que o tesouro está lá.

— Como você sabe, Tom?

— O que Injun estaria fazendo no fundo de uma caverna? Ele estava protegendo seu ouro. Se o tesouro não estivesse lá, ele poderia estar bem longe daqui, gastando o dinheiro. Mas a grana estava lá. Ficou na cara que o tal esconderijo número dois era na caverna e que a própria cruz embaixo de onde o tesouro estaria enterrado também estava em algum lugar lá dentro.

Assim os dois garotos partiram mais uma vez em busca do tesouro. Desta vez levaram comida, água, muitas velas e uma corda bem longa. Entraram pela abertura que Tom descobriu. Ela era estreita, um adulto como Injun não conseguiria passar por ali. Lá dentro Tom refez o caminho até a cavidade por onde passava o rio subterrâneo. A partir dali tentou alguns túneis. No terceiro túnel ele achou o local em que havia visto Injun.

— A cruz deve estar em algum lugar por aqui.

Os garotos vasculharam toda a área, mas não viram cruz nenhuma. Já estavam cansados quando a vela de Huck iluminou um rastro de tinta branca na parede escura da caverna. Ele iluminou todo o desenho. Era uma cruz. Por

-  **LACRAR:** fechar, trancar
-  **TAPUME:** cerca, vedamento



várias horas eles estiveram procurando uma cruz de madeira, mas, na verdade, ela estava pintada na parede.

Imediatamente os garotos começaram a cavar o solo embaixo da cruz. Mas era difícil, muito pedregoso. Até que Tom teve a ideia de remover uma das pedras. Com muito esforço e ajuda das cordas e paus usados como **ALAVANCAS**, eles retiraram uma das pedras do chão, liberando o acesso a uma pequena passagem. Ao descerem esse estreito túnel Tom e Huck entraram numa pequena sala, o esconderijo. Havia uma cama, duas garrafas de uísque, um par de sapatos velhos e... a caixa cheia de ouro!

Para aliviar o peso da carga os rapazes tiraram as moedas de ouro do baú e as colocaram em sacos de pano. Foi um trabalhão remover todo aquele dinheiro, mas os garotos estavam tão animados que a ideia de serem ricos guiava seus movimentos e aumentava suas forças. Quando saíram da caverna o sol parecia brilhar mais intensamente, os passarinhos cantavam mais afinados e as árvores eram mais verdes. Estavam felizes. Conduziam o barco com cuidado, perto da margem, rumo à cidade. Chegando a São Petersburgo, Tom conseguiu um carrinho de mão emprestado com Becky e os jovens foram para casa.

Tia Polly não podia acreditar que aquilo fosse verdade. Tinham cerca de 12 mil dólares em ouro, era muito dinheiro naquela época. Quando a notícia se espalhou, boa parte da população começou a perambular pela caverna, por casas mal-assombradas e a cavar em volta de velhas árvores, em busca de tesouros. O dinheiro foi entregue a tia Polly, que o colocou num banco para quando os garotos fossem maiores de idade.

Como ainda faltavam alguns anos para isso acontecer, Tom e Huck continuaram vivendo suas vidas e aventuras. Fascinados por histórias como as de Robin Hood, que roubava dos ricos para dar os pobres, resolveram formar uma quadrilha de ladrões para ajudar os menos favorecidos. Mas a continuação dessas aventuras está no livro *Huckleberry Finn*.



ALAVANCA: barra firme usada para mover objetos



CONCLUSÃO

Por Tom Sawyer ser um “menino”, esta história deve acabar aqui. Caso ela continuasse, transformar-se-ia na história de um “homem”. Quem escreve um romance sobre pessoas crescidas sabe que seu livro deve acabar em um casamento, mas quem escreve a história de uma criança pode terminar a história onde e quando achar mais apropriado.

A maior parte das personagens deste livro ainda vive com prosperidade e felicidade. Por isso, talvez um dia eu retome esta história. Assim poderei contar para vocês e para mim a espécie de homens e de mulheres que eles se tornaram.

Por hora, acredito ser melhor não revelar mais nada do que se passou na vida deles.



ROTEIRO DE LETURA

- 1) Onde se passa a história? Faça um mapa do rio citado no livro.
- 2) Quais os sentimentos de tia Polly em relação a Tom?
- 3) Quando Tom não ia à aula ou fazia alguma travessura, ele recebia castigos. Você já recebeu algum castigo? Como você acha que os pais devem se comportar quando os filhos agem mal? Por quê?
- 4) Como Tom transformou a difícil tarefa de pintar a cerca numa atividade lucrativa?
- 5) Quando Tom e Huck testemunharam a morte do doutor Robinson, eles ficaram com medo de ajudar Muff Potter? Por quê?
- 6) Se você estivesse no lugar de Tom, você teria participado do julgamento de Potter? Por quê?
- 7) Na escola os meninos sentavam de um lado e as meninas, de outro. O que você acha desse sistema? Você gostaria de estudar num local assim? Como você acha que as carteiras devem ser dispostas na sala de aula?
- 8) O professor de Tom bateu nele porque ele bancou o “engraçadinho”, fazendo piada com o fato de estar atrasado. Depois o puxou pela orelha, porque ele estava conversando com Becky. Seu professor age desse modo? Você gostaria de estudar numa escola assim? Como você acha que o professor deve proceder num caso de indisciplina?
- 9) Você acha que Tom e Huck aprendiam mais na escola ou na vida? Qual a diferença entre esses dois tipos de conhecimento?
- 10) Na ilha de Jackson, Tom, Huck e Joe Harper faziam sua própria comida. Como eles conseguiam ovos de tartaruga?
- 11) Tom, Huck e Joe Harper tiveram a oportunidade de presenciar o próprio funeral. Você acha certo o que eles fizeram? Por quê? Se você assistisse a seu próprio funeral, você acha que as pessoas fariam bem ou mal de você? Que aspectos positivos e negativos de sua vida elas comentariam?
- 12) Você já procurou tesouros em sua vida? Teria coragem de procurá-los durante a noite?
- 13) A palavra tesouro, além de riqueza e muito dinheiro, pode significar também algo precioso para alguém. Quais são os tesouros que você já conseguiu na sua vida? Que tipo de tesouros você ainda procura?



- 14) Tom queria casar com Becky. Huck era contra o casamento. Qual sua opinião sobre esse assunto?
- 15) Tom e Huck eram muito diferentes, mas muito amigos. Cite algumas diferenças entre os dois e depois dê sua opinião: você acha que pessoas diferentes podem se dar bem?
- 16) Tom passou por várias aventuras. Você gostaria de ser companheiro dele em uma delas? Qual?
- 17) Qual personagem do livro você mais gostou? Por quê?
- 18) Que parte do livro mais impressionou você? Por quê?
- 19) Escolha um dos diálogos do livro e, junto com um colega, dramatize e apresente esta cena para o resto da turma.
- 20) No final do livro os garotos decidem formar uma quadrilha para ajudar os pobres. O que você acha dessa ideia?



AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Mark Twain

BIOGRAFIA DO AUTOR

Mark Twain nasceu nos Estados Unidos, na cidade da Flórida, estado do Missouri, em 1835.

Quando Twain tinha 12 anos, seu pai morreu e ele teve de começar a trabalhar. Seu irmão ofereceu-lhe emprego na redação de seu jornal no Missouri. Twain exerceria essa tarefa durante vários anos nos estados de Nevada e Califórnia.

Dos 22 aos 27 anos de idade Twain ganhou a vida como garimpeiro na Corrida do Ouro e como piloto de embarcações subindo e descendo o rio Mississippi. Até então Mark Twain era conhecido como Samuel Clemens (seu nome de batismo), mas a navegação neste rio acabou rebatizando Samuel, que passou a se chamar Mark Twain, expressão usada para sondar a profundidade do rio Mississippi e que significava algo como “quatro metros de água embaixo do barco”.

Aos 32 anos Twain começou a escrever seus livros. A maioria de seus escritos retrata a vida e o linguajar típico das pessoas do sul dos Estados Unidos em meados do século XIX. A história e a geografia das localidades descritas também são um motivo de destaque na obra de Twain. Os anos como piloto no rio Mississippi foram fonte constante de inspiração para Twain, que, na época, ficou famoso como um escritor que fazia seus leitores rirem.

As aventuras de Tom Sawyer, publicado em 1876, e sua continuação, *As aventuras de Huckleberry Finn*, publicado em 1884, são seus dois livros mais consagrados. Alguns críticos dizem que a própria literatura norte-americana começa a ter uma cara realmente estadunidense a partir de Mark Twain, pois antes dele muitos autores apenas imitavam histórias europeias, ou até mesmo escreviam histórias que se passavam em cenários distantes da realidade norte-americana.

Twain escreveu muitos livros e viajou por diversos países para divulgá-los. Apesar disso, o final de sua vida foi muito triste, pois sua esposa e duas de suas três filhas morreram antes dele, que faleceu em 1910, com 75 anos.

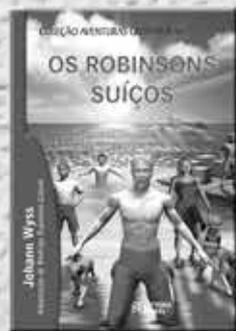




COLEÇÃO

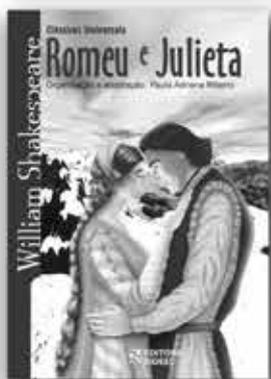
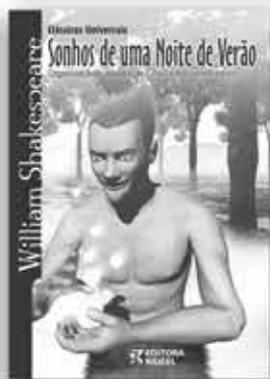
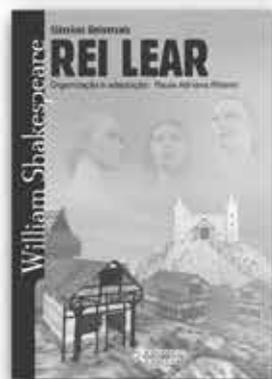
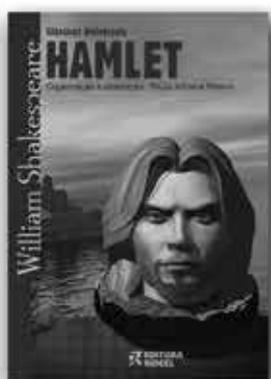
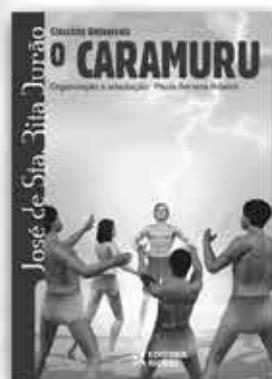
AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 3



 EDITORA
RIDEEL

Coleção Clássicos Universais



Dez motivos para ampliar sua cultura